

EPILHYIA: A EPILEPSIA COMO ELEMENTO DA CATARSE NA PÓLIS ATENIENSE.

Aluna: Paloma da Silva Brito

Orientadora: Margarida de Souza Neves

Introdução

Uma manifestação mórbida “*monstruosa e admirável*”, assim Hipócrates de Cós define a epilepsia no tratado *Morbus Sacer* de 410 a.C, atribuído a sua autoria. Considerada por seus contemporâneos uma doença sagrada Hipócrates refuta o aspecto sagrado da epilepsia, e afirma que tal concepção seria compartilhada apenas por homens ignorantes desprovidos da sabedoria médica. O conhecimento do provável fundador da escola de Cós é demonstrado através da longa exibição dos meios para a purificação das vítimas dessa *humana* afecção. Na tragédia de Eurípides, *Héracles*, encenada em 415 a.C, o furor do qual o herói é vítima aparece descrever todas as características de uma crise epilética: repentino esgazear dos olhos, o estremecer dos membros, a espuma que escorre da sua boca. A mesma transcrição da crise será alvo da sátira do poeta cômico Aristófanes, na comédia *As Rãs*, encenada em 405 a.C, na qual a cena de *mania* do herói trágico é transformada em uma incontrolável crise de riso.

Objetivos

Verificar como os textos de Eurípides, Hipócrates e Aristófanes constroem um determinado conjunto de representações e conhecimento acerca da epilepsia, então considerada uma afecção mórbida. A *Kátharsis* como um conceito originado da experiência mágico-religiosa, é um elemento fundamental no teatro, pois torna possível a interseção entre as práticas de purificação ritual e purgação médica do corpo da cidade. Tendo a epilepsia como objeto propiciador de impureza, em cada texto a afecção construirá uma situação que conduz à de catarse, seja como algo digno de horror e piedade na tragédia, seja como um desequilíbrio dos humores na prática médica, ou ainda, como algo ridículo e risível na comédia.

Metodologia

O método utilizado é a análise de conteúdos relativos à epilepsia em uma tragédia, um texto hipocrático e uma comédia produzidas no mundo helênico.

A tragédia desempenhou um papel fundamental no universo da pólis ateniense do século V a.C. Através da imitação de uma ação composta de todos os desdobramentos possíveis elaborados de maneira coerente pelo poeta, a tragédia permite a experimentação de uma determinada circunstância que viabilizará a *Kátharsis*, pois suscitando as paixões de terror (medo) e piedade (compaixão) é possível a purificação das mesmas.[1]

Na tragédia de Eurípides, *Hérakles*, o herói é vítima da ação de *Lýssa*, *daimon* que traz uma surpreendente e violenta transformação na ação do herói. O estado de *mania* provocado por um desejo divino é constatado pela incoerência entre aquilo que constitui o discurso do herói, que imagina exterminar os filhos de seu inimigo Euristeu, e a “realidade” percebida pelo público, que observa em silêncio o herói em um radical desarranjo físico assassinar aos filhos: “*Ele já não era o mesmo, mas alterado no esgazear dos olhos e com sangüinosas raízes protraídas vertia espuma da espessa barba*”. [2]

No tratado hipocrático, a descrição da crise assemelha-se às passagens do texto trágico euripidiano. Além da abordagem física da harmonização das paixões que suscitam a *mania*, analisadas no tratado como um desequilíbrio entre os humores, a *kátharsis* médica terá semelhanças quanto aos elementos necessários para a *kátharsis* trágica, pois a purificação dos

espectadores da tragédia não só se realiza pela purgação das paixões da alma, como também, pelo reequilíbrio dos humores que constituem o corpo físico, uma *kátharsis* que é também fisiológica.

Para Hipócrates a epilepsia é a consequência de um acidente fisiológico: o congestionamento do ar decorrente do entupimento das veias pela *bile negra*, ou seja, dada determinada combinação de condições dos humores corporais, temperatura, clima, e mesmo o movimento dos ventos, agindo sobre um determinado indivíduo. O cérebro sofrerá uma séria alteração de suas funções, que consistem na sua capacidade de julgamento. A isso se segue uma cadeia de alterações por todo o corpo: “*Se (o fleuma) fica bloqueado nesse trajeto produz-se o fluxo para as veias das quais já falei; o indivíduo torna-se afônico e fica sufocado, e cai-lhe espuma da boca. Os dentes se cerram, as mãos se contraem, os olhos reviram, o indivíduo perde a consciência, e alguns eliminam excremento*” [3].

Tanto o texto trágico como o médico apontam para uma intrigante convergência que se potencializará numa cena da comédia de Aristófanes. Se em Eurípidés o herói em crise é referido como detentor de um “*riso demente*” ao mesmo tempo em que o coro, elemento fundamental para o discernimento da ação trágica, fica em dúvida entre a reação de riso ou pavor, também no texto hipocrático ora o acidente provocado pela bile negra se confunde com a crise de loucura, ora se parece com um ataque de riso. Em Aristófanes, o herói *Hércules* ao receber a visita de *Baco*, o deus do furor, não resiste à aparição do deus em trajes ridículos e cai numa incontrolável crise de riso: “*Oh! Não, por Deméter, não posso deixar de rir! Embora morda os lábios, não posso conter o riso*”. [4]

Conclusões

As características ressaltadas nos versos trágicos e no texto hipocrático giram em torno das atribuições comuns à afecção dita sagrada por seus contemporâneos, o aspecto medonho, vergonhoso, como também sua misteriosa origem. O caráter extraordinário da afecção desperta o medo dos espectadores da tragédia e a consequente infelicidade desmerecida do herói possibilita a compaixão dos expectadores. Para Hipócrates a purgação se dará a partir da sabedoria do homem em harmonizar o corpo e o ambiente que o circunda, se um medo propicia um ataque, deve-se criar o distanciamento entre o enfermo e o objeto de seu medo, propiciador de impureza. A comédia, por sua vez, ao se empregar o aspecto ridículo, do que é segundo Aristóteles, *torpe e indigno de piedade*, cria a dúvida acerca da possibilidade de purificação gerada pelo riso.

Referências

- 1- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- 2- EURÍPIDES. *Hércules*. Introdução, tradução e notas de Cristina Rodrigues Franciscato. São Paulo: Palas Atenas, 2003.
- 3- CAIRUS, Henrique F. e RIBEIRO, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- 4- ARISTÓFANES. *As rãs*. Tradução Junito Brandão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.